



Após tombo de quase 30% em dólares na Bolsa, em 2024, o pior desempenho entre os principais índices globais, analistas admitem incertezas para 2025

Riscos e desafios com a renda variável

» RAPHAEL PATI

Não há dúvidas de que 2024 foi um ano terrível para a Bolsa de Valores de São Paulo (B3). Levantamento realizado pela consultoria Elos Ayta mostra que o principal índice da B3, o Ibovespa, teve o pior desempenho na rentabilidade em dólares, se comparado a outras 21 principais bolsas do mundo.

Em valores baseados na divisa norte-americana, o Ibovespa registrou perdas de 29,92% no ano, e, em reais, a queda foi de 10,36%. Com isso, a Bolsa brasileira registrou a pior marca desde 2015. Neste início deste ano, o Ibovespa tem apresentado bastante volatilidade, chegando a ficar abaixo de 120 mil pontos, mas acumula, até sexta-feira, alta de 1,72% no ano, a 122.350 pontos. Analistas admitem que o cenário é de incerteza para a Bolsa neste ano, pois os juros devem continuar elevados e a inflação seguirá acima do teto da meta, de 4,50%, como ocorreu em 2024.

No ano passado, a saída de investimento estrangeiro do Ibovespa também bateu recorde, com um resultado líquido de queda de R\$ 24,2 bilhões da Bolsa ao longo do ano. Foi apenas a terceira vez em nove anos que a saída superou a entrada de recursos do exterior no índice da B3.

Para o especialista e responsável pela mesa de renda variável da Convexa Investimentos, João Vítor Saccado, há, atualmente, uma preferência maior para investir em bolsas com rendimentos mais seguros, como a dos Estados Unidos. “E aí eu tenho um dólar mais forte e eu não estou vendo todo esse problema fiscal no Brasil e o investidor estrangeiro não quer correr esse risco em um país onde a dívida vem aumentando bastante”, afirma.

Na avaliação do especialista, diante de um contexto de crise fiscal e o mercado reforçando a desconfiança na condução das políticas econômicas do governo, na maioria das vezes, o investidor prefere evitar o investimento na Bolsa brasileira devido ao risco maior.

“Na teoria, quando eu tenho um diferencial de juros maior, acontece que a pessoa deixa de investir na renda fixa nos Estados Unidos para investir na renda fixa no Brasil, porque o CDI (Certificado de Depósito Interbancário), agora, está em 12,15% ao ano. Só que, por toda essa situação fiscal, muitas vezes o investidor acaba pensando muito mais para ele essa situação e aí acaba não vindo esse fluxo que, de certa forma, era esperado”, acrescenta. O CDI acompanha a taxa básica da economia (Selic), atualmente em 12,25% anuais.

Cris Faga/Estadão Conteúdo



Em 2024, o Ibovespa registrou desvalorização de 10,36%, o pior desempenho desde 2015

Bolsa mais fraca

2024 não foi um ano positivo para o Ibovespa e o retorno anual foi o pior em quase 10 anos. Bitcoin liderou aplicações em renda variável.

ÍNDICES – RENTABILIDADE EM 2024 (EM %)

Indicadores	País	Moeda Local	US\$
S&P Merval	Argentina	174,46	114,91
Nasdaq	EUA	28,64	28,64
S&P 500	EUA	23,31	23,32
Ftse China 50	China	27,12	23,29
Hang Seng Index	China	17,67	14,13
Dow Jones	EUA	12,88	12,88
DAX	Alemanha	18,85	12,66
Sp/Bvl General	Peru	11,56	9,93
IBEX	Espanha	14,78	8,80
Nikkei 225	Japão	19,22	6,91
FTSE 100	Inglaterra	5,69	4,37
Euro Stock	Euro	9,45	3,75
Msci Colcap	Colômbia	15,43	0,82
IPyC	Chile	8,26	-3,47
PSI	Portugal	-0,30	-5,49
CAC 40	França	-2,23	-7,32
Ipsa	México	-13,72	-29,77
Ibovespa	Brasil	-10,36	-29,92

Fontes: Elos Ayta Consultoria e B3

Na análise da mestre em finanças pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e sócia da Leroy Consulting, Bárbara Coelho, o movimento de saída de investidores do país reforça as incertezas em relação a sinais contraditórios do governo e ajuda a elevar ainda mais o dólar. Segundo ela, embora os juros no Brasil devam continuar subindo, o Banco Central não deve conseguir entregar tudo que o mercado está pedindo, ainda mesmo com a entrada de novos diretores e do novo presidente, Gabriel Galípolo.

“O pacote fiscal anunciado recentemente pelo governo não reduziu as preocupações — muito pelo

contrário. Dessa forma, sem uma mudança na atuação fiscal do governo, mesmo com o Federal Reserve (Fed, banco central dos Estados Unidos) cortando os juros, o movimento de saída de investidores estrangeiros deve se intensificar em 2025 e o real continuará de desvalorizando”, comenta. Logo, analistas reconhecem que a missão de Galípolo à frente do BC não será fácil.

Fora da curva

Em 2024, somente 15 das 86 ações listadas no Ibovespa encerraram o ano em alta. Alguns papéis registraram valorização superior a 100% ao longo do ano, como foi o

caso da Embraer, de 150,96%, e da Marfrig, de 104,83%. As ações da Ambipar, as primeiras reconhecidas como verdes pela B3, tiveram uma valorização de 730%.

Na avaliação do economista da ConfianceTec Julio Hegedus Netto, para 2025, é interessante apostar em bancos, empresas de infraestrutura e energia elétrica, que na avaliação do especialista, podem sentir menos os efeitos dos juros altos. “E aí têm algumas empresas que são um pouco resilientes a crises, que são aquelas voltadas ao agronegócio e alimentos. Essas têm mais musculatura porque a demanda nunca acaba. Sempre tem uma demanda por alimentos no mercado doméstico”, analisa.

Apesar disso, o economista frisa que o cenário ainda não é tão favorável para investimentos em ativos da Bolsa. “Não dá para ser muito otimista, já que no ano que vem se prenuncia o pior, com a taxa de juros que pode chegar a 15% a partir de março, e aí vem crédito elevado, e tudo mais. A inflação está em 4,5%. A taxa de juros real é imensa. E aí inviabiliza qualquer possibilidade para investimento em renda variável”, ressalta Hegedus Netto.

Já o especialista em investimentos e risco pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e em gestão de negócios pelo Ibmec, Merula Borges, considera que tudo indica para um ano difícil para a Bolsa de Valores e que exigirá cautela dos investidores não somente na escolha das ações, mas também, no prazo de retorno esperado. “Mas, para quem deseja um investimento de longo prazo, é sempre uma boa opção comprar ações de boas empresas a bons preços e a lógica é focar em setores que costumam se beneficiar mais de taxas de juros e dólar mais altos, como bancos e exportadoras”, frisa.

diversificação apresentada pelos setores disponíveis na bolsa dos EUA pode ser um complemento importante para carteiras domésticas, muito concentradas em segmentos como commodities e financeiro”, destaca.

Segundo a especialista da Nomad, o cenário também parece favorável a ativos americanos em 2025. “O novo governo Trump promete diminuir impostos corporativos e aliviar regulações, o que também tende a estimular o mercado de capitais. Olhando para dentro de casa, a Bolsa brasileira tem sofrido com uma maior cautela em relação ao fiscal e com o ciclo de altas da Selic, podendo estimular mais saídas de capital para frente, e reforçando a importância de manter uma diversificação global na carteira”, conclui Zogbi. (RP)

Brasil S/A
por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

Que Brasil é este?

Depois do desnecessário tumulto sobre o Pix, uma “pixotada” como bem o definiu o ex-secretário da Receita Federal Everardo Maciel, o governo continua gerindo muito mal a crise de proveta fomentada pela oposição, tal como o PT azucrinou todos os governantes antes de Lula se eleger e passar a ser vidraça. Como se diz no futebol, quem marca boabeira, toma vaia da torcida. Esse risco sempre esteve presente, dada a vitória magra de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sobre Jair Bolsonaro (PL) em 2022.

Os governistas atribuem a maior derrota de Lula desde que ele não pagou para ver e mandou a Receita recolher a Instrução Normativa (IN) que provocou o deus nos acuda, ora a “problemas de comunicação” da equipe do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ora a “fake news” da oposição, essa a tese encampada por setores da imprensa tão perdida quanto os marqueteiros petistas e os ex-geitas dos sentimentos populares.

A poucos ocorreu cogitar se o anúncio de que a Receita passaria a monitorar as transações com Pix e outros meios de pagamentos acima de R\$ 5 mil de pessoas e R\$ 15 mil, de empresas, seria uma forma de tributar com o Imposto de Renda (IR) na declaração anual as operações financeiras não declaradas. A leitura da IN indica esse propósito, entre eles o de coibir lavagem de dinheiro, o que não é errado. O que houve?

Aos impostocratas, seriam apanhados os ganhos dos novos ricos das bets, de médicos, dentistas e advogados, artistas de expressão, de comerciantes de gado, cujos movimentos são, em geral, com créditos e débitos informais em suas contas em fintechs e cartões digitais.

Isso é fato. Mas também o é que desde a pandemia o que mais tem crescido na baixa renda são as atividades informais, o que inclui a população atendida por programas tipo Bolsa Família e Benefício de Prestação Continuada (BPC), que acumulam com prestação de serviços pagos com Pix sem nota alguma.

Essa foi uma das muitas desatenções a que demorou ao governo se aperceber. Que a oposição vem penetrando nas faixas mais baixas de renda e estabelecendo com elas diálogos contínuos, como fez o deputado bolsonarista Nikolas Ferreira (PL-MG), comunicador inato.

A fake news da taxaço do Pix passou logo, o que reforçou o que se sabe: a exata compreensão das classes de renda mais baixa sobre os fundamentos do Pix. Foi o que esse fenômeno da ala mais radical da direita explicou, mas destacando que seriam tributadas com o IR as rendas informais. O governo foi nocauteado de pé assim.

Cutucaram o eleitor de Lula

Diversas camadas de erros explicam o esgarçamento da confiança no governo, que a brutal desvalorização cambial sugeria limitar-se a traders de papéis, os tais farialimers. A trapalhada da Fazenda e da Receita com o Pix demonstrou ser muito maior, alcançando grande parte do eleitorado, até então, considerado cativo de Lula.

Assim foi porque desde as eleições de 2016, quando o PT começa a murchar no eleitorado, deu-se pouca atenção ao que já havia sido identificado pelo instituto de estudos do partido: o desejo do piso da pirâmide social de ascender pelos próprios meios, algo mais amplo do que o chamado ‘empreendedorismo’.

Essa distração ou soberba de analistas pespegou também a turma de economistas a serviço do mercado financeiro, razão pela qual erram tanto em suas projeções sobre o crescimento movido pela expansão do gasto público. Punham fé nas promessas de austeridade fiscal da Fazenda a cada início de ano e terminavam frustrados com o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) muito acima do que previam em seus relatórios.

A Renda Nacional Disponível Bruta das Famílias (RNDDBF), calculada pelo Banco Central, indica crescimento no conceito restrito — que exclui aluguéis e capta o potencial de consumo, poupança e dívidas das famílias com maior acurácia que Pnad — de expressivos 6,8% real em 12 meses até novembro, contra média de 7,5% em 2023 e 7,8% nos últimos dois anos, segundo o economista Fernando Montero.

Vem daí a antipatia petista ao programa fiscal: se desacelerar o gasto, como deve ocorrer este ano, cai o consumo, portanto o ritmo do crescimento econômico e do emprego. Mas que tipo de trabalho?

As novas classes populares

O governo manifesta entusiasmo com a taxa de desemprego de 6,1% até novembro, a menor nos registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e destaca a criação de empregos formais, com carteira. É fato. Como também é o que a amostra pesquisada exclui como desocupados os que afirmam ser Microempreendedor Individual (MEI), autônomos e ‘uberizados’. É uma massa de gente que vai a 40 milhões de pessoas, assim, como quem recebe renda dos governos regularmente, passa de 100 milhões, entre bolsas sociais e servidores.

Em estudo publicado na Rede Estação Democracia, os pesquisadores Carlos Águedo Paiva, da Fundação de Economia e Estatística do RS, e Allan Lemos Rocha, estatístico, afirmam que a queda do desemprego é “indissociável” do crescimento relativamente baixo do mercado de trabalho, “e ele se deve, em termos relativos, mais ao crescimento do trabalho informal que do formal”. O estudo estima que 76% dos novos postos de trabalho gerados na última década representam MEIs. A Receita cutucou essa gente.

Conclusão do estudo: “Mesmo tendo caráter meramente hipotético, essa simulação pode contribuir para que alguns dos analistas de esquerda que não entendem por que as eleições recentes não foram uma “festa do governo Lula” olhem para a realidade econômica com um pouco mais de complexidade e não apontem com tanta veemência o dedo indicador e acusatório para a turma do andar de baixo”.

A maioria confia em si mesma

A incompreensão do governo, intelectuais e colonistas de TV que falam sobre tudo, um dos quais soltou a pérola que “desacreditar e atacar medidas públicas é crime”, referindo-se ao deputado do PL, está na raiz do quadro econômico deteriorado. Tanto pela política econômica, obcecadamente fiscalista, quanto pelo relacionamento com o Congresso, onde centro e direita têm 75% dos votos. É ruim acreditar poder intimidá-los com ministros companheiros do Supremo Tribunal Federal (STF).

E a opinião do distinto público sobre isso? Pesquisa do Instituto Locomotiva feita no início de dezembro já sinalizava que a maioria estava desenganada com os governos em geral. Indagados sobre quem poderia contribuir para seu bem-estar em 2025, 46% disseram que só confiavam em si próprios, 22% achavam que sua vida dependia de Deus ou de sua Igreja, 13% atribuíram à família e 5% à sorte.

Dos 6% que disseram esperar alguma ajuda dos governos, apenas 4% falaram da área federal. Ao jornal *O Estado de São Paulo*, Renato Meirelles, do Locomotiva, disse que tais resultados estão em sintonia com as dificuldades enfrentadas pelo governo Lula. O novo marqueteiro no Palácio do Planalto, Sidônio Palmeira, chegou com o desafio de pôr o governo, sobretudo Lula, em evidência. Se fosse só isso, seria fácil. Reconhecer erro é nobre, acusar os outros por isso, falando em fake news, é infame. O abalo na confiança tem nome e endereço.